

CENTRO POMPIDOU: A CENSURA «GRAVADA EM MÁRMORE»

O que parecia ser uma simples iniciativa cultural transformou-se num bom exemplo das ingerências marroquinas na vida pública francesa.

No dia 30 de Outubro o Centro Nacional de Arte e Cultura Georges Pompidou, em Paris, anunciou a apresentação numa das suas galerias de uma mostra dedicada à questão do Sahara Ocidental, organizada sob a supervisão do artista norte-americano Jean Lamore, e que enquadrava a apresentação do livro *NECESSIDADE DOS ROSTOS*, uma obra colectiva da qual Lamore é um dos autores.



Fig. 1: Jean Lamore

Compreendia uma colecção de livros, de brochuras e de fotografias exemplificando os caminhos da resistência saharauí - militar e política -

à ocupação marroquina assim como o dia-a-dia da população nos territórios ocupados, marcado pela repressão policial e a discriminação social. «O objectivo desta iniciativa é dar a conhecer ao público francês a realidade da luta do povo do Sahara Ocidental» disse Lamore na altura, numa declaração à imprensa. Das fotografias faziam parte as que tinham sido encontradas em poder dos soldados marroquinos feitos prisioneiros pelas forças armadas do movimento de libertação durante o período de guerra, suspensa pelo acordo de cessar-fogo assinado em 1991. Segundo Lamore estas fotos «contradizem a versão oficial das autoridades marroquinas» na qual o território ter-lhe-ia sido «restituído pacificamente pelo colonizador espanhol».

Segundo declararam inicialmente os responsáveis do Centro, a exposição permaneceria na galeria até Julho de 2019, prevendo-se a sua inclusão no programa da universidade de verão cuja organização é supervisionada pela direcção do Centro Georges Pompidou. No dia 10 de Novembro, porém, Lamore foi surpreendido por aquilo que considerou uma decisão «inqualificável». Conforme então relatou à comunicação social, o Centro teria suspenso a apresentação do livro e retirado a mostra devido a pressões das autoridades e da imprensa marroquinas.

«É lamentável que em pleno séc. XXI, em França, obras de arte sejam censuradas e retiradas de uma mostra em resultado da pressão de um Estado estrangeiro. É inaceitável!», disse o artista. Incriminando, em primeiro lugar, a direcção do Centro, de onde partiu aliás a iniciativa do lançamento da obra, qualificou a decisão, da qual não foi informado, de «censura inaceitável».

«É uma censura inaceitável. A maneira unilateral como foi feita - enviam-se ordens de Marrocos e Paris verga-se - faz-me acreditar que não estamos no século XXI. Regressámos aos sécs XIX e XVIII».

E era tanto mais inaceitável quando se tratava de um projecto cultural.

Frisou que foi o Centro que decidiu mostrá-lo ao público, sabendo perfeitamente que abordava o conflito do Sahara Ocidental. «Não viemos aqui para vender bombons ou louça de barro mas para apresentar um tema sensível. Há uma grande maturidade neste projecto e uma reconhecida qualidade estética. (...). Não tive qualquer informação do Centro Pompidou sobre a sua decisão de suspender o projecto. Não é aceitável que uma instituição cultural se comporte deste modo».

«Pessoalmente conheço muito bem a situação. Conheço o problema do Sahara Ocidental desde há muito tempo. Tenho uma relação profunda com o povo saharauí mas sempre tive o cuidado de não fazer propaganda. Não há nada de propaganda naquilo que faço. Limito-me a apresentar factos».

Lembrou que foi a terceira vez na sua carreira de artista que foi objecto de ingerências marroquinas. A primeira foi em Paris, em La Villette, aquando de uma exposição mas a direcção «manteve-se firme» apesar da pressão do Quay d'Orsay (sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês) sob instigação de Marrocos. A segunda quando foi excluído da Bienal de Dacar (Senegal) financiada por Marrocos.

No dia seguinte Jean Lamore publicou uma carta aberta dirigida a Serge Lasvignes, o presidente do Centro Pompidou. Nela lembrou que o projecto proposto por um colectivo informal de artistas-investigadores, de que faz parte, é apoiado por personalidades «de prestígio» como José Saramago, prémio Nobel da Literatura, Eyal Sivan, Noam Chomsky ou Ken Loach. «É conhecido e respeitado a nível internacional e foi sem dúvida por este motivo que o Centro Pompidou se interessou por ele há já vários anos». Lembrou que a mostra em questão foi apresentada em Outubro de 2012 na Pequena Sala do Centro tendo sido depois integrada na Coleção da Biblioteca Kandinsky e do Gabinete da fotografia, após a sua apresentação no *Beyrouth Art Center*.

«Em Outubro de 2018 fomos contactados pela Biblioteca Kandinsky a fim de que fosse apresentado no âmbito das colecções permanentes do Centro e tivemos o cuidado de ter uma longa troca de ideias sobre o formato da sua apresentação a fim de evitar toda a ambiguidade de interpretação». Explicou que o projecto conheceu um longo caminho no seu processo de amadurecimento e resultou de uma abordagem artística «rigorosa» e de uma «profunda ligação» aos valores humanos. «Trata-se de fotografias, a maioria delas anónimas, de proveniência e formato diversos, que revelam uma guerra escondida», disse. Inclui também testemunhos da ocupação e imagens de satélite do muro com que as forças marroquinas dividiram o Sahara Ocidental ao longo de mais de 2.000 km. Recordou que tinha consagrado ao muro um filme - *BUILDING OBLIVION* - que foi projectado na Assembleia Nacional francesa em 2008.

O artista denunciou as declarações do presidente do Centro Pompidou que escreveu numa carta que «a posição da França sobre este assunto [o Sahara Ocidental] está gravada em mármore». «Esta posição é contrária ao direito internacional e à posição da ONU que define o Sahara Ocidental como um território não autónomo e ocupado ilegalmente por Marrocos desde 1975» disse, salientando que «valoriza mais» as considerações de ordem ética que a intromissão de um país que reivindica a anexação «unilateral» de um território.

Considerou que neste caso se trata dos valores dos direitos humanos, da liberdade de imprensa e mais geralmente da liberdade de expressão, indicando que numerosas personalidades, jornalistas, intelectuais e parlamentares, «se interrogam sobre este grave disfuncionamento: o caso de um estabelecimento cultural público francês a obedecer a uma intromissão de carácter político que emana de um governo estrangeiro».